

Editorial

A pesquisa literária ligada às “humanidades ecológicas”, para usar a expressão de Anne Simon (2024), encontra-se em estado de efervescência. Tanto a produção de obras artísticas e literárias, estética e poeticamente implicadas na reparação das fraturas entre o humano e a terra, quanto a investigação acadêmica atenta aos modos como a literatura integra a ecologia em seus mecanismos formais são resposta às aflições do tempo presente, expressão dessas aflições e produção de imaginários que permitam *adiar o fim do mundo*, ou *a queda do céu*, como formularam nossos importantes líderes indígenas Ailton Krenak (2019) e Davi Kopenawa (2015).

Este dossiê temático da Revista Caligrama, *O que podem a arte e a literatura frente à crise socioecológica?*, reúne nove contribuições, em dois idiomas, oriundas de regiões diversas do Brasil (Sul, Sudeste, Norte), do Marrocos e da França, para as pesquisas no campo da ecocrítica e suas áreas afins – ecopoética, geopoética, zoopoética, crítica ecofeminista, ecologia e decolonialidade. Trata-se de buscar possibilidades de expressão e de ação diante do quadro de agudização dos processos de deterioração da vida na Terra que se estabeleceram desde a revolução industrial e se aceleraram com grande intensidade a partir da Segunda Guerra Mundial. Interrogamo-nos sobre os efeitos da centralidade da crise climática sobre as formas literárias contemporâneas e sobre os modos como a literatura responde ao seu tempo. Ao mesmo tempo, consideramos como o cânone literário pode ser revisitado a partir de pontos de vista até então pouco explorados, como o papel de animais e plantas nas obras, as paisagens e elementos naturais, o trato literário da irrupção da indústria e da tecnologia nos territórios. A pergunta que motiva o dossiê pretende encorajar a reflexão acerca das possibilidades que a literatura, por seu trato particular da linguagem, tem de promover transformações sociais e ecológicas, suas potencialidades e limites.

Em virtude da vitalidade e da amplitude do campo, este dossiê contará com dois volumes. Neste primeiro volume, apresentamos oito artigos redigidos em português e em francês, além de uma tradução de ensaio a partir do espanhol. Há trabalhos dedicados à prosa, à poesia, ao livro ilustrado e a outras artes.



Este número se abre com o artigo “É possível sentir o Antropoceno? Mudanças climáticas e forma literária”, de Antônio Barros de Brito Junior (UFRGS). O autor propõe uma reflexão sobre a literatura em tempos de Antropoceno, partindo de uma exposição crítica dos pensamentos de Amitav Ghosh (2016), Mark Bould (2021) e Caroline Levine (2023) acerca das manifestações da crise climática na poesia e na prosa contemporânea. Com o intuito de “investigar as formas literárias no Antropoceno com base em seu modo de produção”, o autor reflete sobre os gêneros periféricos do romance como espaço de inovação estética em resposta às questões ecológicas atuais.

A contribuição seguinte dedica-se à poesia contemporânea brasileira de autoria feminina. Em “Poéticas do Antropoceno: reflexões sobre as relações entre o humano e o não humano na poesia de Prisca Agustoni e de Sofia Mariutti”, Mariane Pereira Rocha (IFSul), Ariane Avila Neto de Farias (IF Farroupilha) e Ânderson Martins Pereira (IF Farroupilha) se debruçam sobre as relações interespecies presentes nos poemas dos livros *Quimera* (2025), de Agustoni, e *Abrir a boca da cobra* (2023), de Mariutti. A autora postula que as obras “instauram uma poética em que o afeto, a linguagem e o corpo são redesenhados a partir da convivência e do confronto”, mapeia em seu *corpus* as referências à crise climática e ao “luto ecológico” (Despret, 2017) e reflete sobre as possibilidades da poesia de favorecer o que Bruno Latour (2020) chama de “aterramento”, permitindo ao humano perceber-se como parte de um sistema de relações.

O artigo seguinte dedica-se à literatura subsaariana. Em “De la monoculture du cacao à la monoculture de la pensée: écopoétique décoloniale et résistance dans *Chocolaté, le goût amer de la culture du cacao* de Samy Manga” (Da monocultura do cacau à monocultura do pensamento: eco-poética decolonial e resistência em *Chocolaté, o gosto amargo da cultura do cacau*, de Samy Manga), Mohamed Ait Aoual (Universidade Moulay Ismail, Meknès, Marrocos) analisa o romance do camaronês Samy Sanga a partir de uma perspectiva que integra eco-poética, eco-crítica e pensamento decolonial, a fim de considerar os males da monocultura em suas dimensões agrícola e cultural: “A resistência eco-poética aparece então como via de emancipação”, diz o autor, pois, por meio de uma escrita híbrida, Manga “restitui aos lugares sua dimensão espiritual e sagrada”, descolonizando os relatos ocidentais hegemônicos.

A partir da análise da obra literária *Ossertões*, de Euclides da Cunha, o artigo “O cronotopo sertão: espaço e tempo no Antropoceno”, de Carolina Correia dos Santos (UERJ), propõe uma outra mirada sobre o conceito bakhtiniano de *cronotopo*. A autora o situa em uma análise do sertão como território alargado em seu sentido, sem restringi-lo ao seu significado de paisagem ou de lugar, mas considerando-o como agente na obra de Cunha. Ao afirmar que “os espaços só existem porque viventes, entre eles os humanos, os constituem”, Santos leva em conta o caráter dinâmico das relações que se estabelecem no sertão – como, por exemplo, entre os humanos e a flora local – e discorre sobre a interligação entre espaço e tempo dentro do Antropoceno, discussão nem sempre privilegiada na fortuna crítica da referida obra.

O trabalho seguinte dedica-se à literatura infantil, campo privilegiado da manifestação literária de uma poética ecológica e da integração entre a palavra escrita, a oralidade e as artes visuais. “Tio Flores: territórios culturais e ambientais para a Arte-educação”, escrito por André Luiz Ferreira de Oliveira (Unimontes) e Diogo Torino Ferreira (UEMG) apresenta, a partir do livro ilustrado *Tio Flores: uma história às margens do rio São Francisco* (2016), de Eymard Toledo, uma ponderação sobre as transformações culturais e ambientais vivenciadas por uma comunidade ribeirinha, moradores das margens – social, temporal e espacialmente falando – do Velho Chico, o grande rio da integração nacional. Ao relatar a amizade entre um tio costureiro e seu sobrinho,

o livro traz à cena reflexões sobre o racismo estrutural, a devastação do meio ambiente e a valorização de saberes e marcas identitárias da comunidade. O artigo afirma o potencial didático da obra para uma educação estimuladora do senso crítico, da criatividade, da consciência ambiental e do reconhecimento dos saberes, ofícios e identidades que foram desprestigiados com a chegada de um tipo devastador de progresso. Como se trata de um livro ilustrado, o autor recorda a conexão entre palavra e imagem, tratando de valorizar a costura entre arte e educação, que, para ele, seria uma junção capaz de promover transformações fundamentais.

O artigo seguinte conecta o pensamento indígena ao cânone da poesia brasileira. Em “Aproximações entre Carlos Drummond de Andrade e Ailton Krenak”, Kaylane Gomes Castro e Izabela Guimarães Guerra Leal (UFPA) põem em diálogo textos de Krenak, especialmente as conferências reproduzidas nos livros *A Vida Não é Útil* (2020), *Futuro Ancestral* (2022) e *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019), e a poética de Carlos Drummond de Andrade. Mais que apenas conter-râneos, os autores têm em comum a comoção ecológica, manifestada nas denúncias das ações de devastação provocadas por mineradoras, em forma de lamento poético, em Drummond, e na retórica sarcástica e cheia de humor de Krenak. Ao retomar versos de Drummond, Krenak põe em cena a problematização do amálgama entre o humano e a natureza dentro de um cenário contemporâneo, em exemplos como os crimes socioambientais ocorridos nas cidades mineiras de Mariana e Brumadinho. Assim, o homem imbricado com a natureza irremediavelmente destruída perde seu tempo, sua infância, sua vida. Perdem-se mutuamente, pois, como nos diz Drummond, “nem terra nem coração existirão mais”.

No último artigo desta primeira sessão, “Crises civilisationnelles et expériences de la fin dans *Tout s'effondre* de Chinua Achebe, *Les immémoriaux* de Victor Segalen et *Naissance à l'aube* de Driss Chraïbi” (Crises civilizacionais e experiências do fim em *O mundo se despedaça*, de Chinua Achebe, *Os imemoriais*, de Victor Segalen e *Nascimento na aurora*, de Driss Chraïbi) Bouchra Moujahid (Universidade Sidi Mohamed Ben Abdellah, Fès, Marrocos) dá coerência a um *corpus* de obras literárias, diverso do ponto de vista histórico, geográfico e linguístico, pela crítica que fazem à hegemonia europeia e pela reivindicação dos direitos das culturas não ocidentais. A partir de três romances, *Things fall apart* (1958), do nigeriano Achebe, *Les immémoriaux* (1907), do francês Segalen, e *Naissance à l'aube* (1986), do marroquino Chraïbi, a autora explora as narrativas de fim, marcadas por uma estética do colapso, em suas possibilidades de reflexão histórica e de construção de imaginários de futuro. A autora explora como o choque de civilizações, provocado pelo encontro com o conquistador, leva a crises identitárias, sociais e culturais – e, poderíamos acrescentar, ecológicas – e faz o elogio, na trilha do pensamento de Segalen, do diferente e do diverso.

Este dossiê tem a satisfação de contar ainda com um artigo que contribui para a as humanidades ecológicas a partir de outras artes. Em “Costurar a memória, mas deixar um fio solto: Rosana Paulino e o presente do passado espiralar”, Marina Baltazar Mattos (UFMG) examina a exposição *A costura da memória* (2018), de Rosana Paulino, feita com bordados, fotografias, colagens, entre outros elementos que ajudam a (re)contar as histórias silenciadas de pessoas negras escravizadas, evidenciando violências e processos de invisibilidade, exclusão e aniquilamento de vivências e corpos negros. Baltazar nos apresenta um texto sensível, construído como um bordado delicado em fios de ferro – tal é a aspereza do tema e o cuidado dispensado pela autora. Nele, escancara-se o “trauma colonial costurado de forma sutil” que violenta o presente. A metáfora do mar, essa *calunga* grande, cujas águas testemunharam a dor e a morte em diáspora, também é lugar para se atravessar, em busca de

se repensar o presente. O artigo propõe, como um contra-arquivo, entender os modelos de exploração, de pessoas e recursos denunciados na obra de Rosana Paulino, pois “tanto os corpos negros quanto a terra foram tratados como matéria de extração, até seu esgotamento”.

Este número se encerra com a tradução, pelas mãos de Laureny A. Lourenço da Silva, de ensaio de Alicia H. Puleo intitulado “Uma cartografia ecofeminista para a esperança” (no original: *Una cartografía ecofeminista para la esperanza*). Considerando os aspectos ecológicos do traduzir, em sua poética de hospitalidade, de circulação, de encontro e de confronto, a versão brasileira do trabalho da filósofa, professora e escritora espanhola apresenta uma reflexão centrada no ecofeminismo, que visita duas imagens/lugares simbólicos: o jardim-horta de Epicuro e o labirinto do Minotauro. O ensaio apresenta noções fundamentais que permitem aos leitores interessados uma compreensão inicial do ecofeminismo, em suas reações às tensões bélicas e ao colonialismo e na correlação que estabelece entre patriarcado e devastação dos ecossistemas.

Esperamos, com esta seleção de trabalhos, favorecer a inserção dos estudos literários em uma perspectiva ecológica, compreendendo-os como parte de um organismo científico responsável e comprometido com a vida na terra. Não se trata de negar as particularidades do humano, com sua língua de nomes (Benjamin, 1916) e com sua capacidade de abstração, mas de considerar que a criação poética, herdeira da mimesis, não se dá sem atenção às múltiplas linguagens humanas e não humanas que constituem a expressão da vida e as possibilidades de comunhão.

Boa leitura!

As editoras,

Elisa Maria Amorim Vieira (UFMG)

Lia Araújo Miranda de Lima (UFMG)

Ivana Teixeira Gund (UNEB)

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem. In: BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Tradução: Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Ed. 34, 2011. p. 49-73.

DESPRET, Vinciane. Afterword: It Is an Entire World That Has Disappeared. In: ROSE, Deborah Bird; DOOREN, Thom van; CHRULEW, Matthew. (ed). *Extinction Studies: Stories of Time, Death, and Generations*. New York: Columbia University press, 2017. p. 217-222.

JEANNEROD, Aude; LERAY, Morgane; SÉCARDIN, Olivier. “L’animalité traverse l’humain de part en part”. Entretien avec Anne Simon, *RELIEF – Revue Électronique de Littérature Française*, vol. 18, n. 1, p. 27-43, 2024. DOI: <https://doi.org/10.51777/relief19414>

KLOETZEL, Melanie. Danse in situ et éthique environnementale : des champs relationnels à l’ère de l’Anthropocène, *Recherches en Danse*. Disponível em: <http://journals.openedition.org/danse/5634>.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOUR, Bruno. *Onde aterrar?* Como se orientar politicamente no Antropoceno. Tradução de Marcela Vieira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.